

# DIÁRIO DE BORDO

## RIO DE JANEIRO

Ana Paula Godoy

Ariadne Ramoniga

Hevelyn Souza

Vitória Bianchini

Oi, Olá, Hello, Hi, Hej,.. Prazer, me chamo Fulano. Significado de fulano no dicionário informal? "Qualquer pessoa a quem você queira se referir, amigo seu ou não, da qual, ou você não sabe o nome ou tão pouco importa o nome para a conclusão de tal assunto." Não, eu não sou esse tipo de Fulano, Beltramo, Ciclano, ou qualquer outro nome que você costuma chamar a pessoa que você não sabe o nome. Sou um Fulano especial. Não sou um rei e nem super-herói. Eu apenas tenho dons: o dom de ser onipresente, o dom de saber o que os outros estão sentindo, e principalmente, tenho o dom de observar. Observar pode não parecer um dom muito especial, afinal, todos tem essa capacidade né? Mas quando se observa com sensibilidade, o "observar" torna-se especial. Na transição do mês de abril para o mês de maio, especificamente nos dias 28, 29, 30, 31, 1, 2, acompanhei os acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo em uma saída de campo para o Rio de Janeiro. Sim, a cidade do Cristo, do samba, de Copacabana, das novelas, famosa "cidade maravilhosa". Nessa viagem, observei e fiz quatro amigas: a Ana, a Dine, a Vit e a Hev. Elas não sabem da minha existência e nem conseguem me ver, porém nesses seis dias passei tanto tempo com elas que já as considero minhas amigas. A viagem foi tão surpreendente que hoje estou aqui para contar as passagens, detalhes, e sensações que ocorreram no Rio de Janeiro.

28 de abril, primeiro dia de viagem

Destino → Rio de Janeiro, cidade maravilhosa.

Viajar consiste não apenas em chegar a um lugar determinado, mas também em observar e absorver sensações e informações que todo o percurso nos fornece. E assim, partimos de Laguna, Santa Catarina, rumo ao Rio de Janeiro. Ao longo de todo o percurso, fomos observando as paisagens. A cada quilometro andado, percebíamos que a natureza ia se modificando, cada local com suas características e vegetações. Escutamos várias histórias a respeito das cidades em que passamos. Como por exemplo quando passamos pelo Morro dos Cavalos e

ouvimos um pouco sobre a questão das comunidades indígenas que vivem e resistente a urbanização atual.

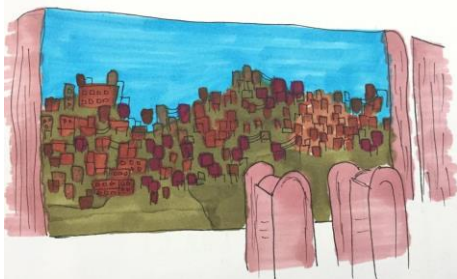
A primeira parada foi em Joinville para um café da tarde. Como de costume, as comidas na beira de estrada são muito caras, e sabendo disso, as meninas levaram seus lanches prontos de casa, juntaram todos e fizeram um piquenique sobre rodas com direito a: pão com mortadela, bolacha, pão com mel e pãozinho com salsicha.

Logo, nos aconchegamos, até o próximo o dia, na nossa casa ambulante. Dormimos, dormimos, assistimos "Os Pinguins de Madagascar" e dormimos...

Dia 29 de abril, primeiro dia no Rio de Janeiro

A primeira parada do dia foi em um posto na serra do Rio de Janeiro. Paramos para tomar o cafezinho quente da manhã, e enquanto alguns se deliciavam com o pãozinho na chapa, outros aproveitaram para trocar as roupas e, no caso da Hev, até mesmo lavar o cabelo na pia do banheiro. Voltamos ao ônibus e continuamos o percurso, ansiosos.

Ao chegarmos ao Rio de Janeiro, adentrando pela periferia, nos deparamos com a realidade da cidade, nem tão maravilhosa quanto sua fama. Um cenário alaranjado, com a vegetação integralmente substituída por construções e aglomerações de habitações em condições desumanas e de extrema miséria. Vimos tapumes dispostos entre a estrada e a favela, que despertaram nosso olhar, supostamente inseridos ali para proteger os moradores do trânsito de veículos. Esses elementos chamaram a atenção e trouxeram uma discussão a todos do ônibus



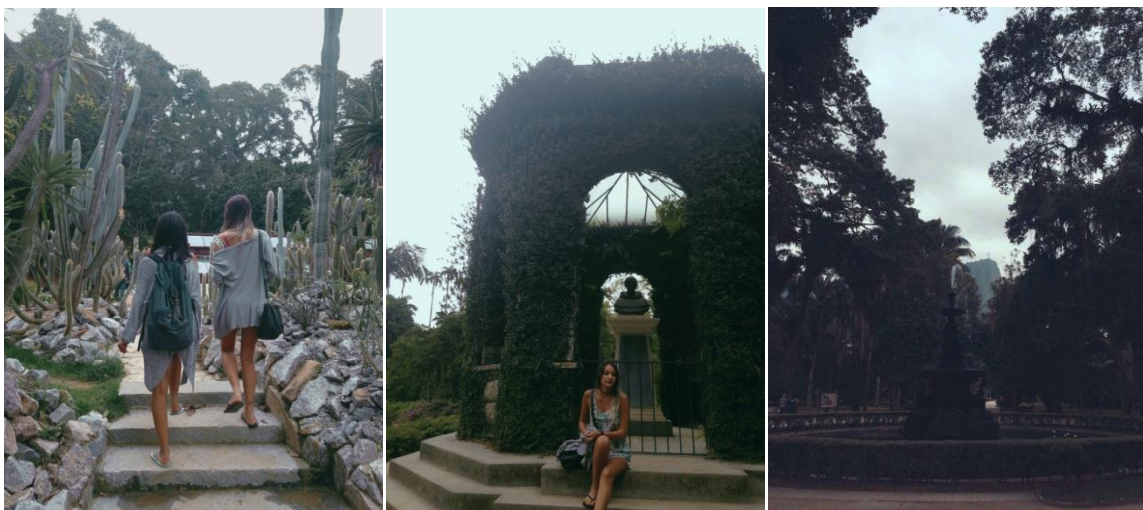
a respeito da realidade da desigualdade social, intrinsecamente presente na cidade, e a intenção de 'maquiá-la', impossibilitando a integração dos moradores que ali residem com a outra parte e a observação dos que ali transitam para o verdadeiro cenário da cidade. As unidades das escolas "Fábricas do amanhã", que são escolas projetadas pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, com o intuito de reforçar a redução da evasão escolar e incentivar além da educação, atividades de cunho cultural e esportivo, também foram elementos despertadores do nosso interesse e de olhares curiosos. As Infraestruturas são muito interessantes e motivadoras para a área em que foram implantadas, porém aparentemente vazias e sem nenhuma atividade, apenas moradores usufruindo de certos espaços de convivência, o que nos causou um questionamento a respeito da atenção dada a essa comunidade.



Tampão posto nas  
rodovias para esconder  
os problemas, a  
miséria.

A primeira parada tinha como objetivo a Estação do teleférico no Morro da Providência, onde conheceríamos um pouco mais sobre Reformas Sanitaristas e a questão da habitação urbana, conhecendo lugares como a Rua do livramento, o Cais de Valongo e o Projeto Porto Maravilha, porém nos perdemos em meio ao trânsito um tanto quanto caótico da cidade e o percurso acabou sendo alterado. Todos ficaram chateados e um tanto quanto aflitos, pois as horas dentro daquele ônibus de certo modo pareciam inacabáveis, mas acima de tudo, permanecia a empolgação para novas experiências.

Fomos então para o Jardim Botânico do Rio e em meio ao trajeto o contraste entre as classes e seus respectivos bairros era nítido. O jardim foi uma experiência onde pudemos conhecer variados tipos de vegetações tanto nativas quanto estrangeiras. O mesmo foi inaugurado em 1808, no reinado de D. João VI, com o intuito de incentivar o cultivo, estudo e a disseminação de diferentes tipos de espécies e atualmente, além de expor espécies e ser ponto turístico da cidade, realiza ações e pesquisas de cunho ambiental. Todos pareciam encantados com os cactos, as plantas, o chafariz e os caminhos em que o jardim nos levava, foi o momento das fotos serem registradas, sozinhos, com os amigos e até mesmo com as flores.



Fotos no Jardim Botânico

Logo após o jardim, caminhamos em direção ao ônibus percorrendo o trajeto a pé, o que nos proporcionou a sensação a respeito da escala não humana daquela região, com suas edificações monumentais, as vias largas, os grandes muros que pareciam infinitos e a dificuldade em que passamos ao atravessar as ruas em meio aos carros, não pensada para pedestres.



Nessa foto, dá para perceber a diferença de tamanho das pessoas e dos prédios.

Em meio a tantas vivências, até mesmo o almoço nos proporcionou momentos interessantes. Almoçamos numa feira no bairro do Flamengo, em contato com a cidade. Foi o momento de relaxar e aproveitar um pouquinho mais do que a cidade tinha a nos oferecer. Lá, as meninas comeram o tão conhecido pastelinho da feira com caldo de cana, conversaram, riram e até fizeram amizade com um cachorro que passava por lá, correndo atrás da bolinha que elas jogavam. Pastéis, tapioca, caldo de cana, risos, experiências, são elementos que me trouxeram uma reflexão a respeito da onde comemos quando vamos para lugares diferentes e como é interessante desfrutarmos das comidas locais ao invés de frequentarmos redes multinacionais, pois criamos um contato mais direto com a região.



Feirinha

Depois do almoço, pegamos o ônibus novamente e seguimos em direção ao Porto Maravilha para conhecer e visitar os museus. O primeiro museu que visitamos foi o MAR, Museu de Arte do Rio. De cara, percebe-se que arquitetura do lugar é incrível. São dois prédios de perfis heterogêneos e interligados: o Palacete Dom João VI, tombado e eclético, e o edifício vizinho, de estilo modernista.



Modernista

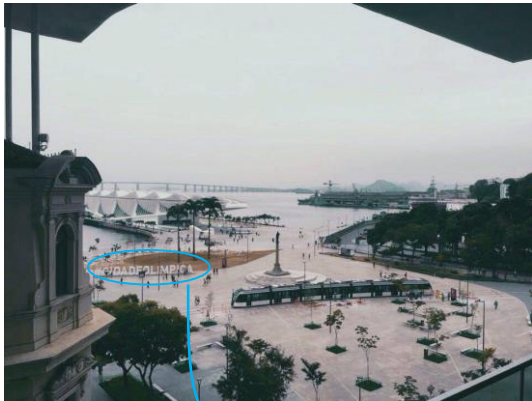
Eclético

Ao chegar ao museu, fomos divididos em dois grupos para receber uma visita guiada. Foi engraçado ver os cariocas de cachecol, blusas de frio, enquanto estávamos de roupas fresquinhas. Nosso guia disse que, para eles, acostumados com o calor do Rio de Janeiro, o dia estava muito frio. Mas enfim, primeiramente, no térreo encontramos uma exposição muito bacana, onde tijolos pintados por crianças e moradores formavam o desenho de uma favela. Nosso guia nos contou que certo dia, foram arrumar algo no museu e um funcionário acabou caindo e destruindo uma parte lateral dessa exposição, e assim ficou, ninguém concertou. Desse fato, ele fez uma ponte com as favelas, onde realmente é assim... Destroem sem se preocupar em arrumar.



Seguindo, fomos até o segundo piso, onde estão expostas maquetes do museu. De lá, observamos a Praça Mauá. Visto de cima, a Praça tem como predominância a cor cinza, por conta da pouca vegetação existente. É um amplo espaço aberto e no seu meio encontram-se trilhos para passagem de VLT. Um grande ponto turístico da Praça está sendo as letras gigantes que formam "#Cidade Olímpica", onde muitas pessoas tiram fotos. Depois de observarmos, os guias nos deixaram livres para visitar as exposições do museu. Cada andar tinha um tema e neles encontrávamos desde fotos até armaduras da época imperial.





→#CidadeOlimpica

O próximo destino foi o Museu do Amanhã, que se encontrava do outro lado da Praça Mauá. Para chegar até ele, fomos caminhando e contemplando a vista da Baía de Guanabara. Encontramos algumas placas que indicam pontos turísticos próximos e o tempo de caminhada para chegar até eles. Isso é muito legal, porque se percebe que a cidade está com o objetivo de privilegiar as pessoas e não o carro, como era antes.

Chegando ao Museu do Amanhã, depara-se com a sua arquitetura de formas orgânicas inspiradas nas bromélias do Jardim Botânico: uma própria obra de arte. Além disso, possui uma arquitetura sustentável que reutiliza água e usa energia solar. Isso tem tudo a ver com o partido do Museu, que foi construído para pensar o futuro junto com os visitantes.



Museu do Amanhã

Já dentro do Museu, primeiramente assistimos a um vídeo em 360° sobre a origem do Universo. Depois seguimos e encontramos várias instalações audiovisuais e jogos, onde a maioria mostrava dados, histórias e suposições que tinham como objetivo nos alertar dos cenários possíveis para os próximos 50 anos. Assim, percebemos que a tecnologia é o grande atrativo do Museu. O conteúdo é apresentado de forma interativa, sensorial, e algumas vezes conduzido por uma narrativa. Terminamos a visita no espaço de exposições temporárias, onde, dessa vez, contava a história do famoso cientista brasileiro Santos Dumont.

Saindo do Museu já percebemos que a chuva caía no Rio de Janeiro. Mas em meio a tanta animação, isso não se tornou um problema. Seguimos até um barzinho ali perto onde encontramos com o resto do pessoal para jantar já que estávamos todos famintos. Notamos uma grande movimentação no MAR, e as meninas foram até

lá perguntar o que estava acontecendo. É claro que eu fui junto. Uma moça explicou que o que estava ocorrendo era um evento cultural gratuito que acontecia uma vez por mês. Não pensamos duas vezes e entramos. Tinha DJ, banda, barraquinhas de caipiras, gente bonita, música boa e principalmente ótimas companhias. Compramos umas capirinhas, achamos um espaço no meio das pessoas, tiramos os sapatos e ficamos ali... Dançando em cima do tapete verde que cobria o chão térreo do museu. E foi nesse momento que eu senti, que elas se sentiram, realmente no Rio de Janeiro.

Mas o tempo era curto, e logo tivemos que ir embora para nos encontrar com o resto do pessoal e irmos para nossa próxima atividade: caminhada no centro histórico à noite. Fomos a pé até o CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), e nessa andada foi notável como aquela parte da cidade ficava vazia a noite, deu até um pouco de medo. Mas chegando ao destino, ficamos esperando nosso guia que ia nos encontrar lá. Enquanto ele não chegava, desfrutamos do que o centro cultural tinha para nos oferecer: uma livraria cheia de livros diferentes e, a parte mais legal, dois andares de exposição com criaturas realistas sobre mutações genéticas.



Uma das obras da exposição. Parecia de verdade e tinha som de respiração no fundo do ambiente. \*Medo mais muito massa\*

Por conta da chuva, e do horário tardio, nosso guia cancelou o passeio e seguimos, então, para Copacabana, a onde ficava nosso hostel. Depois de, como de costume, nos perder um pouco na cidade grande, chegamos até o destino final do dia. Tiramos as malas, nos dividimos em grupos de dez pessoas e subimos para os quartos. O hostel era bem legal, todo colorido, nos corredores escutávamos sotaque e línguas diferentes, e tinha um terraço incrível com pallets e almofadas. Nos quartos tinham cinco beliches e um banheiro para dez pessoas. Mesmo não parecendo, deu certo e supriu todas as nossas necessidades.

Tomamos banho, preparamos a cama, guardamos nossas coisas e mesmo cansados, descemos até o bar que ficava na recepção para aproveitar a promoção de caipirinhas que tinha nas noites de sexta. Nessa hora o pessoal começou a interagir com a equipe do hostel. Eles eram bem legais, gostavam de música boa e a equipe era formada por pessoas de várias partes do mundo. Depois de perguntar e conversar bastante, as meninas subiram para descansar porque afinal, esse ainda tinha sido o primeiro dia na "cidade maravilhosa".



Felizes com as caipirinhas

30 de abril, segundo dia no Rio de Janeiro.

Acordamos cedo e animados. Começar o dia no hostel é legal demais. Café da manhã colorido, compartilhado com os amigos, os colegas, e algumas pessoas de alguns lugares do mundo, com um leve som em espanhol e um outro em inglês no plano de fundo.

Sábado foi dia de explorar muito. Depois de nos acharmos no caminho para encontrar o nosso guia do dia, mais uma vez, o desafio começava com: chegar aos lugares com o ônibus, turistas adentrados no trânsito caótico do Rio. Iniciamos o nosso tur ouvindo sobre a cidade, sua história e seu contexto atual.

Passamos por muitos lugares, visitamos alguns outros, sempre conversando sobre o contexto e o cenário, abrangendo os vários pontos que fazem parte das questões urbanas, e que muitas vezes são esquecidos por nós mesmo, arquitetos e urbanistas. Sociologia, antropologia, a própria geografia física espacial, conceitos bioclimáticos, questões culturais, todas essas juntas que formam a nossa querida Arquitetura e Urbanismo. Aqui entra um questionamento, que é também, ou deveria ser, acima disso, um sentimento... Como é que questões de cunho social são esquecidas por estudantes da área de, tchantchanraran: "Estudos Sociais Aplicados". Quando vivenciamos então, quando nossos sentidos se fazem presentes em contextos assim, é muito difícil, tão de perto, não se sensibilizar. Perfeito, começamos então o nosso dia, com os sentidos aguçados, atentos, curiosos.

Um dos nossos pontos de parada foi a Igreja da Candelária. Entrar no templo Católico é adentrar em uma obra de arte. É, independente de crença, fé ou religião, emocionante. Presenciar as pinturas, esculturas, formas, disposições, escalas, e o tamanho valor dado a fé, nos fazem refletir sobre o que somos capazes de fazer, e de fazer sentir.





Cadeiras da Igreja



Todos  
surpreendidos  
com o interior  
da igreja

Do lado de fora, surgiu uma conversa sobre a "Chacina da Candelária", isso, com letras maiúsculas, porque esse é um acontecimento histórico dentro da nossa linha do tempo. Estávamos então parados diante do monumento religioso, extasiados, e de repente cenas de crianças sendo violentadas e mortas são lançadas a nossa mente. Crianças, que por não terem um teto, são assassinadas logo ali, onde estávamos pisando. Deixamos a "obra de arte" de tamanha escala, física e conceitual, e nos deparamos, logo às portas da igreja com os princípios e prioridades da nossa sociedade.

O roteiro tem que continuar e, um pouquinho diferentes por dentro, continuamos pelo caminho.

Eram muitos os sentimentos em cada lugar que parávamos. Conhecemos o Cais do Valongo, antigo cais usado para "receptionar" os escravos trazidos ao Brasil. Quantos negros ancoraram ali. Expostos como mercadorias, eram comercializados. Mais uma vez, imagens formam-se em nossas cabeças. Negras e negros despidos, dispostos em filas e acorrentados. Dentes fortes, força de um gado de engenho, esse é o meu preço. "Dou-lhe uma, dou-lh... Vendido, pode levar o irmão caçula como cortesia." Produtos.



Cais

Uh. Guenta coração. Quem sou eu, aonde estamos e o que fazendo? Segura a emoção, e vamos. Rua do Ouvidor, Confeitaria Colombo, Cinelândia, e dentre nobres e pobres lugares passamos.

Como o Rio de Janeiro é contrastante, cidade de extremidades. Construções contemporâneas de mãos dadas, pés e cabeça colada com patrimônios históricos tombados. Percorremos ruas aonde muito dinheiro circula diariamente, assim como as pessoas com cara de fome e sono pelas quais passávamos. É difícil não fazer nada sobre as coisas que víamos. E é difícil também fazer.

Na hora do almoço escolhemos o restaurante Amarelinho para almoçar, na Cinelândia, restaurante antigo e tradicional do Rio. Pedimos feijoada e frango à milanesa com direito a batata frita, farofa, arroz, salada... E socorro, estava tudo tão gostoso e bem servido, que encheu e muito a barriga de todos nós juntos. E depois de satisfeitos, uma surpresa: o garçom veio entregar um bilhete (esse aqui em baixo) de um admirador para uma das meninas. Só mesmo no Rio de Janeiro pra isso acontecer.

No meio da tarde, as meninas decidiram se separar, e eu, indeciso e querendo acompanhar a todas, acabei me dividindo ao meio e fazendo-me presente nos dois lugares aonde queria.

Um dos destinos era Niterói. Para chegar até lá pegamos uma balsa. Foram 20 min até chegar a cidade de Niemayer e nós estávamos ansiosíssimos para ver tudo aquilo que lemos em livros, tudo aquilo que ainda não era palpável para nós. Seguindo as plaquinhas existente na cidade, nós encaminhamos direto para o Teatro Popular de Niterói, passando por um galpão que era formado por um conjunto de várias lojas e quiosques. Chegando ao famoso ao famoso "Caminho Niemayer", fomos recepcionados por um administrador do local e tomamos um chá de cadeira vendo vídeos sobre Niterói. Desnecessário, já que quando acabou descobrimos que mal poderíamos entrar na edificação porque uma parte estava sob reforma e o resto do pátio estaria em função do show do Luan Santana que ocorreria logo NAQUELE dia.

Subimos a rampa que dá acesso ao teatro e chegamos ao primeiro pavimento, mas não passou disso. Demos uma olhada no local e logo voltamos para o ônibus para seguir em direção ao MAC - Museu de Arte Contemporânea, outra obra de Oscar Niemayer. No caminho até o ônibus, passamos novamente pelo galpão de lojas e comidas e por conta do preço ser bem mais barato do que na cidade do Rio, aproveitamos para comprar algumas coisas. Como por exemplo, três caixinhas de biz por 10 reais, e vinte (20, twelve) coxinhas de frango por dois reais.

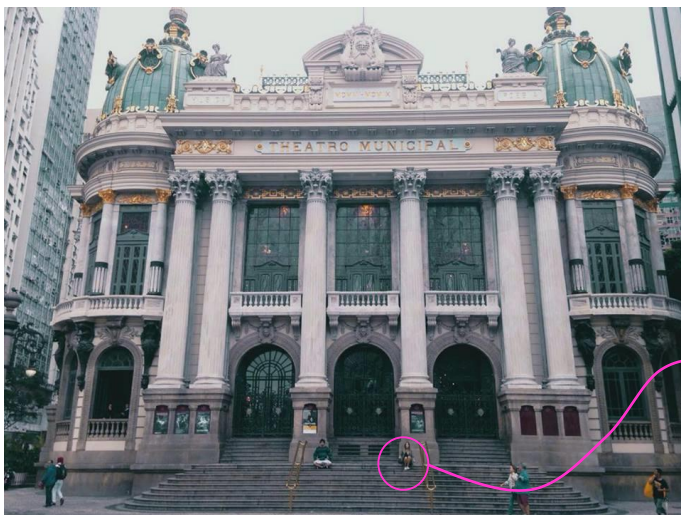
Para nossa surpresa, o MAC também estava fechado para reforma, foi decepcionante. Praticamente todas as obras do caminho Niemayer tinham algum porém que não poderíamos ter acesso, e no meu ponto de vista, por mais que estivéssemos em um lugar desconhecido, não estávamos ali para "turistar" como qualquer outra pessoa. Por fim, voltamos para o Rio pela histórica e gigantesca ponte de Niterói.

Como Rio dispõe momentos de cultura diariamente a quem quiser. O outro passeio da tarde de sábado, foi então, uma parada no Museu de Belas Artes. Vimos a Arte Clássica, como ela impressiona, como a harmonia agrada nossos olhos, nosso inconsciente. Desde esculturas do corpo humano a quadros gigantescos se encontravam no acervo do museu. Os diferentes estilos artísticos são todos dignos, e essa pluralidade é muito legal, e não diferente dos outros estilos, a Arte Clássica, é muito especial.



Ana ao lado de uma  
das obras do Museu de  
Belas Artes

Saindo do museu, fomos para o Teatro Municipal, ali aconteceria uma orquestra e assim fomos comprar ingressos. "Moça, não pode entrar com chinelo de dedo, nem bermuda, nem, nem, nem...". Não entendemos esse ponto da sociedade também não, mas sorte a nossa que continuava um dia não tão quente no Rio, e estávamos calçando tênis e, na mochila, carregávamos calças, caso esfriasse mais. Pudemos então nos trocar e entrar no teatro.



Vit sentada nas  
escadarias do  
Theatro Municipal

A orquestra foi de arrepiar, e estar no teatro municipal fez do momento ainda mais especial, aquele prédio, construído há tanto tempo deve ter presenciado tanta história, que acho que é isso que sentimos quando caminhamos pelos corredores.

No mesmo contexto, fomos fechar nosso dia na Lapa. E nesse lugar, não é diferente, as mais diversas realidades se encontram, mas ali, na Lapa, elas se olham olho no olho. Todas as tribos, culturas, o carioca da gema, o carioca da Barra, os cariocas que não são cariocas de nascença, e até os que desejam ser, na Lapa, dançam no mesmo chão. Estar na Lapa é além de arquitetonicamente lindo, uma experiência cultural muito intensa. Dividimos o espaço com todas as classes. Na Lapa todas as pessoas, são pessoas, como a gente. A moça de salto alto, e a moça de pés no chão, são gente, como a gente. Talvez isso não aconteça pra todos, mas pra quem se permite, ali isso acontece em todos os cantos, sem medo ou julgamentos.



Felizes na Lapa

Engraçado como a cidade pode unir e separar as pessoas, construir ou destruir realidades, proporcionar ou não qualidade de vida. Mas viva a esperança que se tem na cidade, onde ela ainda acontece essencialmente. E foi com esse pensamento, que voltamos de taxi para o hostel e dormimos.

### Primeiro de maio, terceiro e último dia no Rio de Janeiro

Depois de um pouco de loucura que experimentamos no sábado a noite, acordamos no domingo prontos para aproveitar ao máximo nosso ultimo dia de viagem. Tomamos nosso café para dar aquela revigorada, e deixamos para trás, com um pouco de tristeza, nosso canto de pouso. Particularmente, por nunca ter tido uma experiência como essa de vida de hostel, fiquei com vontade de passar mais uma semana naquele lugar, conhecer mais da vida de cada pessoa que estava lá dentro.

Mas... Nossa viagem seguia. Entramos naquele ônibus com uma expectativa imensa do que veríamos dali em diante, da janela, cada parte daquele lugar, cada pessoa que passava me chamava à atenção, só pelo simples fato de não serem coisas que eu estava acostumado a ver, um novo ambiente.



Paramos e seguimos a pé. Chegamos ao Edifício Gustavo Capanema, Antigo Ministério da Educação, projetado pelo grupo de arquitetos composto por Lucio Costa, Carlos Leão, Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcellos e Jorge Machado Moreira sob a vista de Le Corbusier. Uma edificação que é considerada o marco da arquitetura modernista brasileira, e com toda sua grandiosidade, é totalmente adequada ao público, basicamente por causa dos pilotis e de todo o grande pátio aberto. Até paramos para sentar e dar uma curtida naquele espaço de intensa arquitetura.

Continuamos nossa "peregrinação" pela cidade maravilhosa. Andamos pelo centro até chegar à escadaria do Selarón. Foi uma obra pensada por Jorge Selarón, toda de azulejos de diversos temas, eu diria que é uma obra muito pessoal, essa é a escadaria com mais vida que eu (e acho que todos nós) já vi. A forma de transposição das cores, da própria escadaria, e também da vida em volta dela, a forma como ela acabou organizando o espaço, trazendo pessoas de diversos locais para cultuarem e até para trabalharem é maravilhosa. Até conversamos com alguns "hippies" que faziam diferentes artes e traziam para vender ali, e eles eram de diferentes localidades. Ou seja, a diversidade que acabou unindo varias culturas em um lugar só, e no meu ver essa é a essência do Rio de Janeiro.



Vendedor

Seguimos em direção aos Arcos da Lapa, e me chocou a diferença que tinha o lugar durante o dia em comparação com a noite. Parece que a noite aquele lugar ganha vida, pessoas que vem de várias partes do mundo para curtir a noite carioca, uma multidão ansiando por um momento cultural que estava sendo promovido ali na noite anterior, e em contraste, mais ou menos às 11 da manhã, o lugar simplesmente vazio. Ali, apenas pessoas passando, acostumadas com aquela paisagem que, para mim, era um símbolo do antigo Rio de Janeiro, moradores de rua dormindo no meio da passagem ou até mesmo fazendo dali seu lar, sem o mínimo de estrutura para isso.





Lapa de dia

Caminhamos até a Catedral de São Sebastião, ou Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, como é popularmente chamada. Com toda sua forma cônica, compõe também o estilo moderno, com uma intenção vinculada ao futuro, projetada pelo arquiteto Edgar de Oliveira da Fonseca. Por fora essa edificação me incomodou um pouco, não consegui aliar a mesma com sua função, achei meio grotesca para ser uma catedral. Um pouco antes de entrar uma senhora nos parou para dividir sua fé, nos aconselhando a fazer um pedido ao entrar pela porta. Acreditando na energia que esse tipo de lugar possui, decidimos fazer cada um o seu pedido. Ao entrar, me surpreendi com a disposição das coisas dentro da catedral, era um lugar muito grande e convidativo. E assim, paramos um momento ali para absorver um pouco daquilo que tínhamos a nossa disposição.



Catedral de São Sebastião

Partimos para o MAM - Museu de Arte Moderna, uma edificação com grandiosa, tanto por dentro quanto por fora, e que possui uma certa necessidade, já que abriga grandes exposições e o próprio espaço acaba agregando valor a estas. Ao lado de fora da edificação, pessoas se apropriam do espaço para andar de skate, roller e fazer exercícios físicos.



Pessoas se apropriando do espaço do MAM

Passamos pelo aterro do flamengo, um lugar que qualquer pessoa gostaria de estar em pleno domingo à tarde, varias atividades acontecendo, muitas pessoas reunidas, jogos de futebol, feiras e tudo mais acontecendo naquele lugar.

A fome já dava seu sinal de vida, e fomos nos encaminhando até a Praça São Salvador, onde iríamos almoçar. Durante o percurso, uma das coisas que chamou minha atenção foi que aos domingos, uma das vias da grande avenida é fechada e destinada às pessoas. Bicicletas, skates, crianças, pessoas correndo... Vimos que essa iniciativa realmente deu certo.

Chegando à Praça, vimos um aglomerado no meio seu meio que já demonstrava um domingo animado. O samba tocava loucamente e a galera toda cantando em conjunto se estendia por toda a praça. Sem contar na feira que estava acontecendo, diferente das demais visitadas, esta era uma feira com um porte mais específico, as coisas vendidas tinham um valor aquisitivo maior, mas tudo tinha um ótimo bom gosto, e ia de comida até colares e roupas.

A divisão foi feita, e uma parte da turma foi para o Cristo e eu e as meninas seguimos para o Vidigal, teoricamente nossa ultima parada no Rio de Janeiro, e particularmente a parte mais esperada por mim. Para chegar até lá fomos de metro até Ipanema. O que foi muito legal, já que uma parte do grupo nunca tinha andado com esse transporte ainda. Chegou a ser engraçado ver o desespero da Vit de que nem desse tempo de ela entrar, a porta se fechar, e ela acabar ficando para traz. Mas, como de costume, deu tudo certo!

Chegando a Ipanema, mais uma feirinha cheia de coisas bonitas. Pode-se dizer que domingo foi o dia de gastos e compras. Dali, pegamos o nosso ônibus e seguimos para o Vidigal.

A visita foi um pouco esquisita, demorou mais ou menos uns 15 minutos, e em alguns momentos tive uns pensamentos aleatórios, será que essas pessoas não se sentem em um zoológico? Centenas de turistas devem fazer isso que estamos fazendo, olhando para esse lugar, para estas pessoas como se fossem coisas exóticas, ou até mesmo bichos exóticos, isso me incomodou um pouco durante o passeio, mas querendo ou não eu estava lá, e estava lá para vivenciar aquele momento diferente.

Subimos o morro do Vidigal de Kombi, um tanto quanto peculiar, ruas muito estreitas e com muitas curvas. Olhando pela janela, víamos barzinhos, churrasquinho de gato... Paramos no Parque Ecológico Site, um dos referenciais apresentados em sala de aula e que nesse momento seria visto pessoalmente. O parque era exatamente do jeito que estavam nas fotos, com uma horta comunitária e todo utilizando pneus. Mas por conta de ser ao ar livre e no meio da natureza, vimos que ele acabou não sendo conservado, apresentando sinais de abandono e descaso.



Pneus

Parque Site



Vista da Favela

Continuamos até chegar ao ponto mais alto do morro, e por incrível que pareça era o lugar mais comercial da comunidade. Um bar feito exclusivamente para turistas, o que era extremamente visível, já que o porte desse bar não conversava com o resto da comunidade. E via-se também que praticamente ninguém que frequentava aquele lugar pertencia ao Vidigal. A vista lá de cima, e de toda comunidade em si, era incrível, o Rio de Janeiro é realmente uma cidade privilegiada por sua beleza natural.

Descemos o morro, mas com todo aquele nosso lado de arquitetura urbana, tivemos uma conversa inusitada com o motorista, totalmente informal, mas que nos revelou bastante sobre a precariedade do morro, em contrapartida, o orgulho que as pessoas têm de nascer e pertencer aquele lugar. Além disso, preciso confessar que fomos muito melhor recebidos nessa hora, do que no centro, que acaba afastando um pouco as pessoas umas das outras, e ali era diferente. Depois disso, entramos no ônibus em direção a nossa casa, Santa Catarina.

2 de maio de 2016, último dia de viagem - momento de reflexão

Passamos por várias das extremidades da cidade. Viajar abre os olhos e o coração. Existem coisas que sabemos que existem, mas elas estão muito longe, e aí então é difícil se sentir "afetado" por tais, parar para refletir sobre ou realmente entender que aquilo existe ou é real. Viajar nos mostra coisas bonitas e feias, sobre o lugar para o qual vamos, e sobre o nosso próprio lugar. Viajar nos coloca em contato com pessoas, lugares e situações tão inusitadas que percebemos o quão grande e completo o mundo é, e o quanto temos

para aprende e ensinar por aí a fora. Depois de ver e absorver tanto o tempo todo, a sensação é, ao invés de nos sentirmos mais conhecedores das coisas, pensamos o quanto nem imaginamos que possa existir, e que ainda temos, e queremos, ver, conhecer e aprender. Que sentimento bom, e paradoxalmente, voltamos mais completos como pessoas, com a visão mais sensível, entendendo que a nossa realidade não é única, que a nossa zona de conforto não agrega valores no mundo, e que se somos a favor da justiça, ainda tem muita coisa pra mudar. Que bom voltar inspirado com o sentimento de não apenas existir, mas sim, somar.

Assim, pode-se dizer que mesmo com imprevistos, mudanças de roteiro, frio, e demais coisas inusitadas que ocorreram no caminho, o objetivo da viagem foi atingido com sucesso. Fomos como turistas, mas turistas diferentes. Praticamos o turismo de conhecer lugares que contribuisse para nossa formação, e para nós mesmo. Conhecemos um Rio diferente do que a maioria das pessoas está acostumada a ir lá e conhecer. Vivemos experiências em conjunto com todas as 45 pessoas que foram na viagem. Nos aproximamos de todos. Colegas viraram amigos, professores viraram amigos, e amigos viraram família. E a última frase que lembro e ficou na memória, foi quando chegamos em Laguna e a Dine disse para todos: Já to com saudade de vocês. E, é assim que acabo esse diário de bordo, com saudade.